

EUA: o acordo ainda está difícil.

Em contato com a imprensa, alta fonte da Secretaria do Tesouro norte-americano não parecia compartilhar o otimismo do nosso ministro da Fazenda quanto às possibilidades de uma solução heterodoxa em relação ao FMI que nos abriria as portas do Clube de Paris, isto é, a volta dos empréstimos das agências públicas de financiamento e que daria maiores facilidades para obtenção dos novos recursos dos bancos comerciais.

O ministro Dílson Funaro havia afirmado que existem sinais positivos para encontrar uma solução para o impasse no quadro do artigo 4º dos estatutos do FMI. Não seria um acordo stand by nem qualquer fiscalização especial, mas apenas a manifestação oficial do FMI a respeito de nossas "performances". Um tipo de aval às exigências de um programa de ajustamento imposto pelo FMI. Quando se perguntou para a alta fonte do Tesouro se esse acordo seria suficiente, a resposta foi um estrondoso "no", "no", "no".

Lembrou essa fonte que os Estados Unidos, todavia, não exigem que o Brasil assine um programa com o FMI e que reconhecem os progressos do País, ainda que se tenha preocupação quanto à substância desse progresso. Para essa fonte, existe uma regra internacional que o Clube de Paris respeita, e que o Brasil não pode constituir uma exceção: o reescalonamento da dívida exige um programa com o FMI.

Apenas deixou uma porta aberta ao acrescentar a necessidade desse programa ou alguma coisa parecida. O melhor caminho para ele é, sem dúvida, o caminho da normalidade, acrescentando que os países que assinaram um stand by com o FMI obtiveram resultados positivos. O Brasil pode escolher outro caminho pagando seus atrasados com o Clube de Paris, mas pode ficar consciente que as portas das agências oficiais de financiamento não estão abertas para ele.

Robert Appy, de Washington